

A MÃE

DIRECTOR CONSELHEIRO XX
ANNO IV

N186



Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1925.

NESSA VIGILIA RISONHA
QUEM É QUE PASSA? QUEM É?



AH! NINGUEM!... E' QUE ELLA SONHA
QUE O SEU CÃO LHE LAMBE O PÉ...

EXDIENTE

"A MAÇÃ"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. A.

Proprietario: H. de Campos & Cia.

Redacção: Rua do Rosario, 108 — 2.º andar

Administração: Rua da Quitanda, 30

Officinas: Avenida Mare de Sa, 230 240 — Rio de Janeiro — Brasil

AOS AGENTES DO INTERIOR

Aos nossos agentes de venda avulsa, avisamos que o proximo numero d' "A Maçã" é extraordinario, custando, portanto, o dobro do preço dos numeros communs.

Assignatura e venda avulsa

Estados:	Capital:
Anno..... 25\$000	Numero avulso..... \$500
Anno (sob registro)..... 50\$000	Atresado..... \$600
Numero avulso..... \$600	Idem, sob registro mais... \$600

Para o Exterior

Porte simples:	Registrado:
Anno..... 50\$000	Anno..... 60\$000
Semestre..... 30\$000	Semestre..... 35\$000

Publicação retribuida — (Annuncios) — Preço por vez

Em papel couchê	Em papel asselinado
1 pagina..... 250\$000	1 pagina..... 200\$000
1/2 "..... 130\$000	1/2 "..... 110\$000
1/4 "..... 70\$000	1/4 "..... 60\$000
Capa anterior - (cores)..... 450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000
Contra capa, 1.ª e 2.ª..... 350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7

Toda correspondencia deve ser dirigida a João de Abreu

*** Tratallador infatigavel, dirigindo a casa de Richelieu como se fosse a sua, resolveu o findo Frederic Masson aleantar a obra dos seus antecessores, esollendo para a commissão que a dirige os homens que lhe pareciam mais activos e patriotas, ou que, pelo menos, dispuzessem de maior somma de tempo. E como, destes, o que reunia melhores condições fosse o marechal Joffre, coube ao herce do Mane a honra de fazer parte da commissão do Diccionario, em 1922.

Com este elemento precioso, a obra não foi, entretanto, mais venturosa: o Diccionario da Academia Franceza ficou marcando passo no mesmo artigo, até que Frederic Masson reflectiu, batendo na testa.

— Ah! que asneira a minha! — exclamou.

E contente com a descoberta:

— Agora é que eu me lembro que, quem faz «avançar», é o Foch!

E elegeu Foch, nesse anno, para a commissão do Diccionario.

Cabellos á Ingloza e la Garçonne

Botelho, especialista a domicilio. T. S. 1504

Tenho o meu relógio d'ouro
Com ponteiros de marfim.
O dia que não te vejo
São cem annos para mim.

TELEPHONE DO ESPECIALISTA

— Sim, minha senhora, é frequente, na gravidez, aggravar-se esse corrimento, que se chama leucorrhéa e do qual soffrem muitas moças e meninas porque abusam da saude e não se queixam ou não usam o remedio apropriado.

— O unico effizax e inoffensivo é o BLENOL.

— E' urgente começar a tomar-o para evitar soffrimentos ao nasciturno e á mãe no acto da «delivrance».

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44

NO BANHO

USAI

ARISTOLINO

e para as MOLESTIA DA PELLE

Manchas
Sardas
Espinhas
Rugosidades
Cravos

Vermelhidões
Comichões
Irritações
Frieiras
Feridas

Caspa
Perda do cabelo
Doras
Eczemas
Darthros

Golpes
Contusões
Queimaduras
Erysipelas
Inflamações

SABÃO

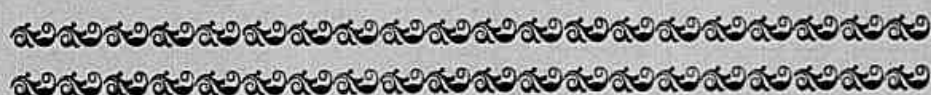
LIQUIDO MEDICINAL



No proximo sabbado 

“A MAÇA”

dará um numero especial de quasi 100 paginas de collaboração escolhida e grande numero de illustrações, commemorando assim o 7 de Setembro e festejando a installação das suas officinas de gravuras e de impressão. 



*** Havia no Jardim das Plantas, em Paris, ha muitos annos, centenas de animaes, que viviam nas suas jaulas, nas suas gaiolas, nos seus viveiros, na maior cordialidade, entre os individuos da especie. Um sentimento de dignidade regia a conducta dos tigras, dos veados, das hyenas, dos lobos, dos leões. Com os costumes que a guerra implañtou, começaram, porém, os namorados a correr para ali, entregando-se a idylls exaggerados, com o testemunho daquelles antigos habitantes da selva. E o resultado não se fez esperar: dentro de algum tempo era tal a anarchia, ou, melhor, a agitação amorosa entre a tchacada, que as autoridades se viram na contingencia de impedir a entrada ás familias!

Agora, foi o Jardim franqueado, novamente, ao publico. Em cada secção de jaulas ha, porém, um cartaz, com este aviso:

AOS NAMORADOS
Tende piedade dos pobres
animaes:
NÃO OS EXCITEIS!



TRIAN

AGUA DE COLONIA cara,
mas superior a todas as
outra.

PÓ DE ARROZ barato mas
bom

Amar é variar, e em verdade,
Toda a razão do amor está na variedade.
Menotti del Picchia.

ODONTOL

PASTA PU-ELIXIR
DENTIFRICIOS
MANTEM A
HYGIE
DA BOCCA

CLAREAM E
CONSERVAM
OS DENTES
—
PERFUMAM
O HABITO

Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias,
ou no
deposito

FCO. GIFFONI
1º de Março 17

PETROL

LOÇÃO DE PETROLEO
MEDICINAL

PERFUMA,
— ONDULA,
— AMACIA E
— CONSERVA O
CABELLO.

ENCONTRE-SE NAS BOAS PHARMACIAS,
DROGARIAS, PERFUMARIAS E
NO DEPOSITO GERAL PHARMACIA E DROGARIA
FRANCISCO GIFFONI & C.
RUA 1.ª DE MARÇO 17 - R. DE JANEIRO

Está um sujeito a colher cogumelos. Passa um botânico e diz-lhe:

— Olá amigo,... desconfie... olhe que são venenosos!

— Não se incomode, meu caro senhor; não são para comer.

— ?...

— São para vender!

Gonorrhéa e suas multiplas complicações (cystites, orchiitis, prostatitis, etc.), Leucorrhéa (flores brancas), Meirites: cura radical em poucos dias por meio de injeções intramusculares de efeito garantido.

Dr. Luiz Sampaio

Das 10 ás 2 horas, na r. Marechal Floriano, 55 (antiga r. Larga)
Telephone Norte 5184

Das 2 ás 6 horas, na r. Rodrigo Silva, 26 :: Tel. 6181 Central

LOTERIA FEDERAL

UNICA official.

UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.

UNICA por cujos premios responde o Thesouro.

UNICA extrañda á vista do publico nella Capital.

CAPITAL: 3.000 contos com o deposito de 500 contos no Thesouro.

PREDIO proprio, á Rua 1.ª de Março, 110, com frente para á Rua Visconde de Itaboraip, 68. Extracções diarias ás 2 1/2, e ás 3 horas aos sabbados.

Pedidos de bilhetes com mais 900 réis para o porta.

Filmando. Chronico

Os cinemas de arrabalde têm, no Rio, uma importância immensa. Talvez nenhuma outra cidade os tenha tão bem frequentados e por um publico tão numeroso.

Explica-se isto por muitas razões: a modicidade dos seus preços, sempre menores do que na Avenida; o conforto maior que quasi todos offerecem; a situação em que se encontram, não exigindo chapéo ás senhoras e mesmo aos barbados; e muitas outras, entre as quaes não é de menor valia a de offerecerem um refugio sempre commodo e á mão, aos casaes de namorados que se não pôdem acariciar na porta da casa da menina, seja por causa de um pae rigoroso, seja pelo excesso de luz da rua. Para estes casaes bemaventurados, o Rio é uma cidade insupportavel com a sua iluminação admiravel.

A primeira das razões por nós apontadas, a modicidade dos preços é pequena, se olharmos apenas a importancia paga nas bilheterias; de facto, a differença, se existe é insignificante. Mas, se observarmos que, pelo preço, podemos ver 2 ou mais films, quando nos cinemas da Avenida pagamos o mesmo por um só dos mesmos films, então a differença se nos apresenta apreciável.

Isto, porém, que, para alguns, é vantagem, a outros se afigura careteação intoleravel, tanto é certo que não ha no mundo duas cousas perfeitamente eguaes, sejam duas perolas ou duas crenturas. A estes porém que vão ao cinema para ver um unico film, e entre os quaes estamos nós, resta o recurso de sair; mas não sabem, que tal facto toma-lhes no intimo as proporções de um roubo feito a si mesmos.

Ora, pois, assim sendo, a vantagem é, ao fim, incontestavelmente, vantagem para todos; isto é deveria ser, se não houvesse tambem,

entre os frequentadores de cinemas, a classe dos distrahidos, daquelles que entram e pagam antes de lançar os olhos ao programma. Para estes sim, a vantagem redunda em prejuizo, muitas vezes, ou, quando não

em prejuizo, em verdadeiro sacrificio.

E isto porque, nem sempre esses cinemas de arrabalde pôdem dispôr de films novos para a composição dos programmas. E', sem o minimo respeito ás coisas veneraveis de certas produções historicas, vão desenterrar films esquecidos, verdadeiramente fossis, insupportavelmente velhos, das éras primitivas em que a cinematographia era apenas um ensaio, como, aliás será ensaio, daqui a alguns annos tudo o que se produz hoje.

Desgraça tão grande aconteceu-nos ha alguns dias, porque tambem nós pertencemos a esta ultima classe, dos distrahidos. Entramos, pagamos, e quando o film começou a desenrolar-se quasi dormiamos. Horror dos horrores! Theda Bara, edição de 1917, hedionda, espectral, interpretando «Mme. Du Barry!»

Só quem se recorda desse film, record da produção pessima da Fox, pôde comprehender o abalo que quasi nos lançou, inanimados, ao chão.

Não sahimos, todavia: quem vae a um cinema de arrabalde, em dia de semana, é porque não quer ir até o centro, arrostar o calor de fôrnalha dos cochicholos da Avenida. Ficamos, pois, e olhos cerrados, esperamos, semi-adormecidos, que o tempo passasse.

Passou o tempo. Pois bem, quando abrimos os olhos preparando-nos para ver alguma cousa aproveitavel, qual não foi a nossa desillusão: depois de um film quasi centenario, um outro da mesma idade; um film de Pearl White, velhissimo, tão velho que os artistas já devem ser todos avós!

Razão nos assiste assim, para dizermos que as vantagens desses cinemas de arrabalde não são afinal tantas nem tão grandes como poderiam parecer, a não ser para os bemaventurados de que tratamos acima; mas estes não pertencem ao commum dos mortaes, a esses que vão ver realmente a fita cu as fitas, e não dormir ou bolinar.

M.



Maurice Flynn, ao que se murmura na Film-landia, está noivo de Viola Dana e o casamento não demora muito.

Mae Marsh já voltou da Europa, onde obteve um grande triumpho no desempenho da peça theatral «The Rat».

«Lady Windermere Fan» é o título de uma das produções que a Warner Brothers promete para breve. Ernst Lubitsch é o director.

Os theatros de Paris estão sendo comprados pelas empresas cinematographicas americanas para a exploração dos seus films. O «Vaudeville» foi adquirido pela Paramount; «L'hippodrome» e «Gaumont Palais» pela Metro-Goldwyn, e o «Madeleine Palais» não sabemos por quem.

«Tartuffe», film da Ufa baseado na comedia de Molière e adaptado ao cinema por Carl Mayer, é interpretado por Emil Jennings, Lil Dagover, Luie Hoflich, Rosa Valetti, Herman Picha, Wernan Krauss e outros, cujos nomes não nos occorrem. O director é F. W. Murnan.

Gloria Swanson e Anthony Jowitt fazem os principaes papeis do film «The Coast of Folly», da Paramount.

Henry Kinz vae dirigir Douglas Fairbanks Jr. em «Stella Dallas» da Metro Goldwyn.

Fred Walker trabalha no film «Hell's Highroad», sob a direcção de Cecil B. De Mille.

principaes papeis são desempenhados por Alexandre Carr, Vera Gordon, Charles Murray e George Sidney.

Hel'en Ferguson casou-se recentemente com William Russell.

Depois de no'iarmos um casamento é justo que, para restabelecer o equilibrio noticiemos um divorcio: Eddie Sutherland e Marjorie Drow são os que se separam. E dizem que ella passará aos braços de William Tilden, que não é actor cinematographico mas joga tennis como gente..

Lowell Sherman vae fazer o principal papel do film «The Love Toy», para a Warner Brothers. Sherman terminou agora o papel principal do film «Satan in Sables», para a mesma empresa.

Nita Naldi, é a principal figura feminina do film «The Unfair Sex», que o conhecido director francez Diamont Berger vae fazer para a Associated Exhibitors Hope Hampton, Holbrook Blinn e Walter Miller tambem apparecem nesta producção. Com esse, são tres os films feitos pelo director francez para aquella empresa; como se vê, o seu trabalho tem agradado.

A mesma empresa firmou um novo contracto com Constance Bennet para que figure em mais dois films.

John Barrymore e Dolores Castello serão os principaes artistas do film «The Lea Beast», que a Warner Brothers vae fazer.

«The Heart of a Siren», como se sabe, tem como interprete do seu principal na Universal sob a direcção de Edward Sedgwick.

Dustin Farnum vae reaparecer papel feminino a formosa Barbara La Marr.



Está já quasi concluido o Blocks Away», em que os film da Universal «Two

Clinica Medico Cirurgica de Doenças dos
Colons, Rectum e Anus
Tratamento especial indolor das
HEMORRHOIDAS
SEM OPERAÇÃO
DR. RAUL PITANGA DOS SANTOS
Da Faculdade de Medicina
Rua do Passeio, 56-Sob.
Cons. de 1 ás 4 horas

DR. PAPAFITA

Os Charutos por ARTHUR AZEVEDO

No ultimo sabbado tive a satisfação de encontrar a minha espiituosa amiga Dona Henriqueta na rua dos Ouives, quando ia entrar em casa do Chappot Prevost, que tem a honra de ser o seu dentista.

— Ainda bem que o encontro. Suba. Preciso falar-lhe.

Subimos.

O Chappot Prevost estava, como sempre, occupado, e a minha espiituosa amiga teve que esperar na elegante saleta do mais amavel dos nossos cirurgiões dentistas.

— Tenho aqui na ponta da lingua uma historia para os seus leitores.

— Sim?

— Ah! mas é preciso escrevel-a com muito cuidado. Foi uma amiga minha que m'a contou. Não creio que seja inédita, mas é engraçada.

— Ouçamos.

E Dona Henriqueta contou-me a historia que vou reproduzir. Emquanto contava, ria-se a perder, mostrando uns dentes belissimos, que não justificavam absolutamente a sua presença na casa do Chappot Prevost. Não sei por que, em geral, as senhoras que vão aos dentistas têm muito bonitos dentes.

Vamos ao conto. Se algum dos leitores já o conhece, tanto peor para mim.

Foi um dia de verdadeiro jubilo em casa do barão e da baroneza de Cajá-pó, nas Laranjeiras, aquelle bello domingo em que o doutor Salles Borba lhes pediu a Izabelinha em casamento.

As tres filhas mais velhas estavam casadas, e muito bem casadas. A Izabelinha era a ultima, e o doutor Salles Borba, engenheiro distincto, muito novo ainda, bem educado, viajado, bonito, elegante e quasi rico, era um partido como não se encontram muitos.

A Izabelinha acceitára o noivo com entusiasmo; não que o amasse, porque, educada nos mais severos principios, não tinha ainda prestado attenção a nenhum homem; recontei-a, entre tanto, naquelle bello moço — tão correcto nas maneiras como nas vestimentas — alguma coisa que o tornava superior á maior parte curar marido.

dos individuos que ella encontrava nas salas aonde os paes a conduziam com a mal disfarçada intenção de lhe pro-

O casamento realisou-se com toda a pompa.

A pedido da baroneza, o doutor Salles Borba e sua esposa ficaram morando no palacete das Laranjeiras, que tinha accommodações para abrigar á vontade duas numerosas familias.

Quando o ultimo convidado se retirou, e os noivos entraram na mysteriosa alcova, que docemente lhes sorria entre sedas azues e rendas brancas, o doutor Salles Borba tirou da algibeira um magnifico havano, accendeu-o na vela côr de rosa que ardia num esplendido castiçal de ouro, e poz-se a fumar.

A Izabelinha empallideceu de despeito. Pois que! elle, o seu noivo, fumava dentro da alcova nupcial, na propria noite do casamento!...

Aquelle charuto inoportuno pareceu-lhe — e com razão, digamos — uma brutalidade inverosimil, uma grosseria imperdoavel.

Na realidade não se comprehende que um cavalheiro da estofa do doutor Salles Borba tão viado estivesse, Deus meu! que não sacrificasse o seu charuto á mais elemental cortezia.

Accresce que, instruido como era, naturalmente havia lido a «Physiologia do casamento», e devia saber que o autor metteu os fumantes no rol dos «predestinados». E' verdade que isso apenas prova que Balzac... não fumava.

Mas não percamos de vista os nossos noivos:

Os leitores, e principalmente as leitoras, vão ficar indignados ao saber que o doutor Salles Borba levava ainda o maldito charuto entre os dentes, quando se dirigiu para o thalamo, onde já o esperava a Izabelinha tremula e palpitante, — e com o charuto entre os dentes, fumegante e rubro, se deitou ao lado da melindrosa donzella, que não se poudo conter:

— Tenho que lhe pedir um grande favor, meu amigo.

Os Charutos por ARTHUR AZEVEDO

— Tens que me dar uma ordem, meu amor.

— Abstenha-se de fumar no nosso quarto, sim?

— Por que? Incommoda-te o meu charuto?

— Não, não me incomoda, mas... não gosto, não acho bonito...

O engenheiro não respondeu; teve apenas um «ah» muito secco, poz o havano de lado... e d'aí a alguns minutos dormia profundamente.

E durante tres noites, naquelle ninho, não di'giu a palavra a Izabelinha. Fóra d'aí, de cá, na sala, no gabinete no jardim, á mesa do almoço ou do jantar, era de uma amabilidade, de uma simpatia sem limites; mas á noite no leito, esperava que sua mulher se deitasse, deitava-se ao lado della, fechava os olhos, adormecia, e só despertava no dia seguinte, quando o sol entrava timidamente na alouva.

Na quarta noite a Izabelinha interpe'lou-o:

— Borba, por que você aqui no quarto não convessa commigo!

Elle sorriu:

— Ah! isso...

E accrescentou com reso'ução:

— Ouve; tal ez não acreditaes, mas é a pura verdade: á noite, quando estou deitado, não me é possível conversar sem p'ineiramente fumar um charuto.

Ella mordeu os beiços e não disse mais nada.

Adormeceram ambos.

No dia seguinte, pela manhã, Izabelinha foi ter com a mãe e tudo lhe contou.

— Que es'ás dizendo, minha filha? exclamou a baroneza.

E dando-lhe uma nota de cem mil réis, accrescentou:

Aqui tens dinheiro: manda immediatamente comprar uma caixa de charutos para teu marido, e o mesmo portador que traga duas para teu pae, que ha muito tempo emmudeceu.

D. Henriqueta, quando acabou de me contar es'a historia, pediu-me que a esperasse para acompanhá-la ao ponto dos bondes no largo da Carioca.

Espe'e pacientemente que o Capot Prevost lhe examinasse as pero'as (porque, creiam, os seus dentes são verdadeiras pero'as) e, acabado o exame, tive o prazer de levá-la até o bonde.

Já ella estava sentada quando de repente:

— Ah! e eu que me esqueci completamente...

— De que?

— E no e-se que não vim á cidade para outra coisa! — Meu marido fez annos hoje, e não lhe levo um presente!

— Ainda ha tempo.

— Qu'! já é tarde e chove tanto... Se eu pudesse arranjar alguma coisa aqui mesmo no largo da Carioca...

— Póde, por que não? Seu marido não fuma? Está ali a charutaria Machado, que...

A minha espi'ituosa amiga deu um muchocho e voltou o rosto para sorrir á vontade.

O bonde partiu.



ARTHUR AZEVEDO



O Saldo por MARIO SETTE

No hemicyclo do terraço franjado de trepadeiras perfumosas, Oscar e Clarice, em preguiçosas de lona listrada, longe do buliço das festas do Bomim, assistem ao romper do anno novo tão anno beijos amorosos.

O penúltimo vai ao apogeu e o recomo do céu alacrado succede de foguetes, morteiros, balões e os multicores.

Vem chegando, sonoros, alvicares, os repiques dos sinos...

ELLE. — sempre promissor ver o anno que surge, com o riso nos labios.

ELLA. — (maliciosa). Com os labios nos labios, que es q'ier... Eu tenho sorrisos, tambem, para o que se foi e elle fez por merecel-os.

ELLE. — Nem tanto! Nada nos trouxe de melior na vida.

ELLA. — Hein? Nada? E o Gastãozinho?

ELLE. — Não falo dos filhos. Esses já são penhoes de feiuidade. Quero me reter a melhoas economicas...

ELLA. — Si dessas não nos chegaram, com uo não tive nos desgostos. Lembra-te daquele em que perdemos o Jorge?

ELLE. — Deerto! Não estou a maldizer, repara. Apenas qu'iea que nos novese e caido mais ridente sorte. Vivemos tão modestamente!

ELLA. — Por mim, não. Sou ditosa. O anno passou sem nos afligir em molestias, nem privações, nem lagrimas. Os nosos lilos do mem p'amente e temos até mimos para l'ies a'egar o amaneer... Que nos falta?

ELLE. — E' que isso tudo, sendo muito, não basta. A tua vida é triste, reconheço-o: Nunca podemos ir a um theatro melior, a uma festa de luxo, a uma recepção! E's moça e no entanto, devido ás

minhas poucas posses, andas arredia das rodas em que as tuas amigas, as tuas antigas companheiras de collegio brilham... Deves ter maguas, desejos, talvez arrendimentos...

ELLA. — (cerrando-lhe a bocca com a mão). Cala-te! Como te enganas! Andar envolvida em sedas, ter obrigações de moda, receber visitas de «amigas» que me vem sonjar a casa para murmurar, pôde ser fortuna para quem quizer, menos para mim. Salvo si és tu quem...

ELLE. — Eu? Semp.e fui humilde, acclimei-me ao trabalho, á sombra. Mas tu que por amor deste do outro plano casando-te commigo contra a vontade de teus paes!! Que vazio nas de a'iar neste tanto humilde, comprando-o ao palacete de teu pae, na Maguaena, com os seus salões immeisos, o seu parque bosqueado!

ELLA. — Por Deus, cala-te. Entras o anno a dizer to'ies? Já me vis'e, por palavras ou por gestos, lamentar-me? Que me inportam l'ueas, l'uo, pa'aetes, si tenho a ti e aos meninos?

ELLE. — E's extremamente bôa e resignada! Fazes-me contente e tranquilo. Por isso mesmo dôe-me não poder corresponder a essa dedicação...

ELLA. — Mais do que o fazes, com a tua ternura, o teu afiecto, o teu amor á familia?

ELLE. — No balanço de nossa vida eu sou sempre o devedor... Nunca te posso dar uma p'enda, uma joia...

ELLA. — Qual devedor! E' o que pensas... No balanço de nossa vida, no anno que findou, ainda na um saldo a teu favor...

ELLE. — Um saldo?

ELLA. — (maliciosa, rindo-se). Sim senhor. Duvida?...

Diz-lhe ao ouvido um segredo rapido.

ELLE. — (segurando-lhe as mãos, fitando-a). Outro?...

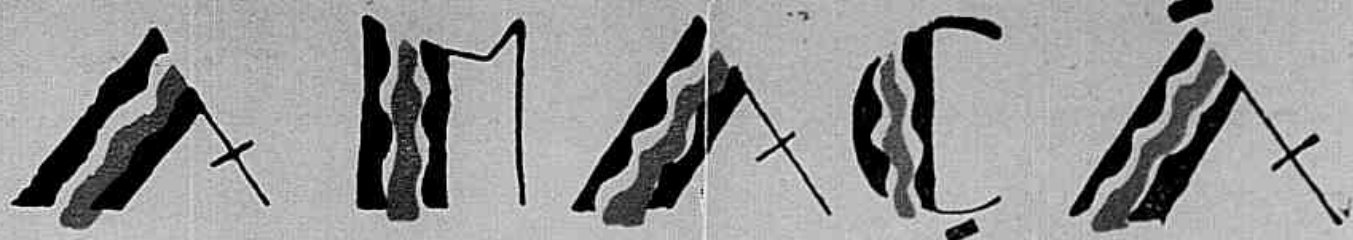
MARIO SETTE

O
maior e o
mais importan-
te sortimento de Ves-
tuarios e Roupinhas para
meninos e meninas de todas as
edades; a mais completa secção de
Uniformes e Enxovaes para meninos e
meninas de todos os collegios da capital
e dos Estados. Sempre os menores preços.

C
O
M
P
R
E
M
n'

A' BRASILEIRA

Largo de S. Francisco 38 a 42



LD H R IE C H O IR

CONSELHEIRO XX

N. 186 ANNO. IV



Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1925



O ROL



Com o lapis na mão direita e o livro de ról na esquerda, Dona Honorina ia conferindo, peça por peça, a roupa que a lavadeira lhe contava.

- Seis vestidos de linho, — annunciava a portugueza.
- Seis vestidos de linho, — confirmava Dona Honorina, riscando no ról.
- Dezeseis lenços.
- Dezeseis lenços.
- Duas camisas de senhora.
- Duas camisas de senhora.
- Seis toalhas de mesa.
- Seis toalhas de mesa.

Dona Honorina era apontada pelas amigas mais intimas, que eram as suas inimigas mais proximas, como esposa puramente burgueza. Tomava conta da casa, examinava as contas da cozinheira, conferia a roupa que voltava do poço, ajudava, em summa, o esposo, modo to segundo official de uma das Secretarias do Estado. Com o encarecimento da vida, esta se lhe tornara um pouco difficil; e peor teria sido se Dona Honorina não tomasse á sua propria conta o encargo de comprar, pessoalmente, os objectos de primeira necessidade, indo escolhê-los, duas vezes por semana, a preço commoço, no «Bazar Fernandes», estabelecimento acreditadissimo, de propriedade do Sr. Brito Fernandes, portuguez solteirão, que supria as familias mais abastadas das redondezas. Ultimamente, o Sr. Fernandes estava para o Rio Grande do Sul, e, como Dona Honorina só comprasse em mão delle, as compras bi-semanaes haviam cessado.

Attenta, com o roupão muito aberto sobre o cõllo magro, mas perfeito, a moça passou a conferir as roupas do marido, amontoadas ao alcance da sua mão pela Ursulina, que era lavadeira, tambem, do dono do Bazar.

- Sete camisas de homem.

Dona Honorina contou unidade por unidade, e confirmou:

- Sete camisas de homem.
- Oito ceroulas.

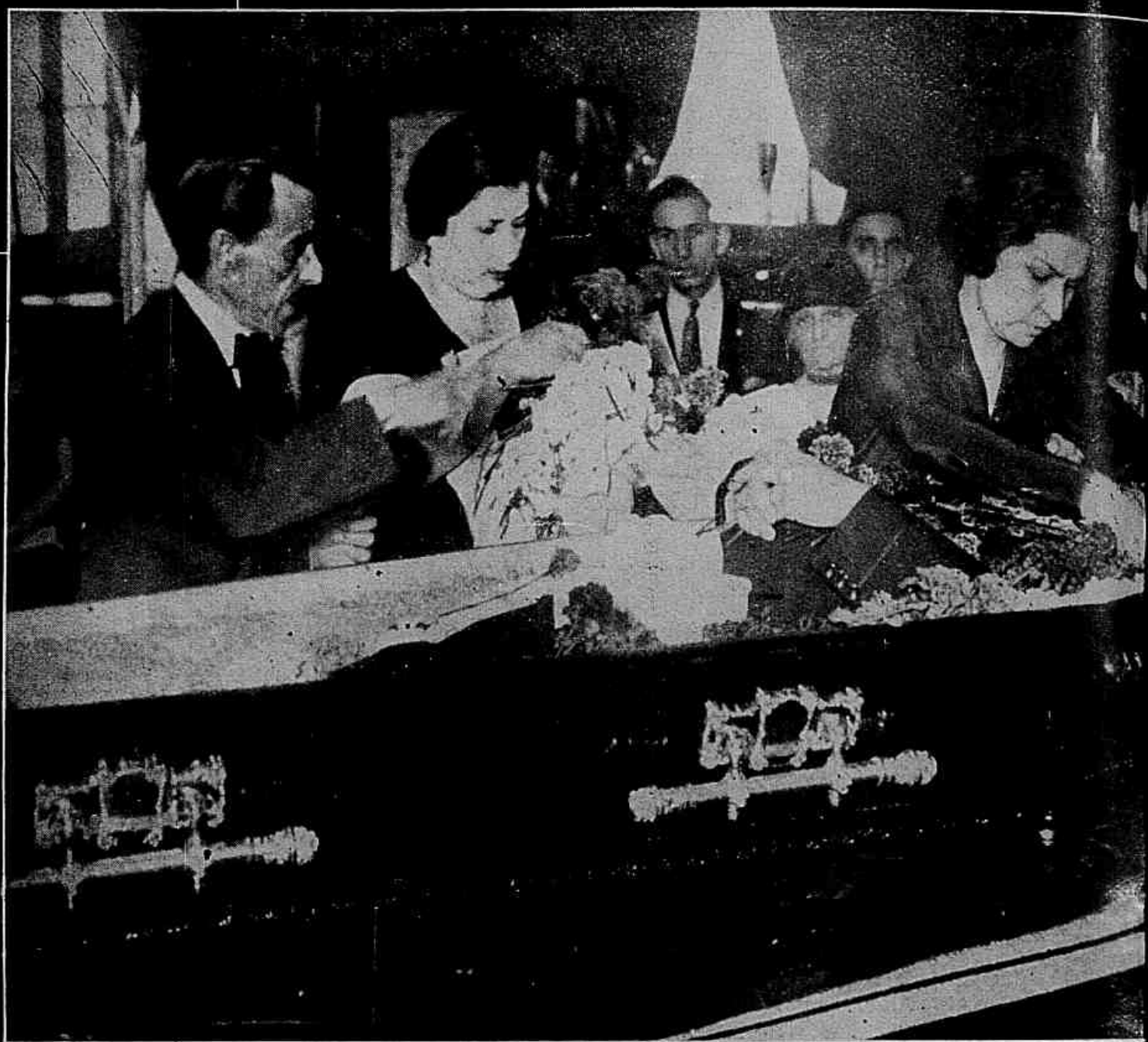
A moça pegou as peças para contar, e, na terceira, estacou. Era uma ceroula de tricoline, sem marca nenhuma, differente das outras, apenas, pelos botões. Dona Honorina tomou-a nas mãos, mirou-a, remirou-a, e, franzindo a testa, estranhou, admirada:

- Uái! «Seu» Fernandes, então, já chegou?

E, após uma pausa, que foi um parenthesis aberto á meditação, continuou a conferencia monotona:

- Seis pares de meia.
- Seis pares de meia.
- Tres cobertores.
- Tres cobertores.
- Dois pares de fronhas.
- Dois pares de fronhas.

CONSELHEIRO X X



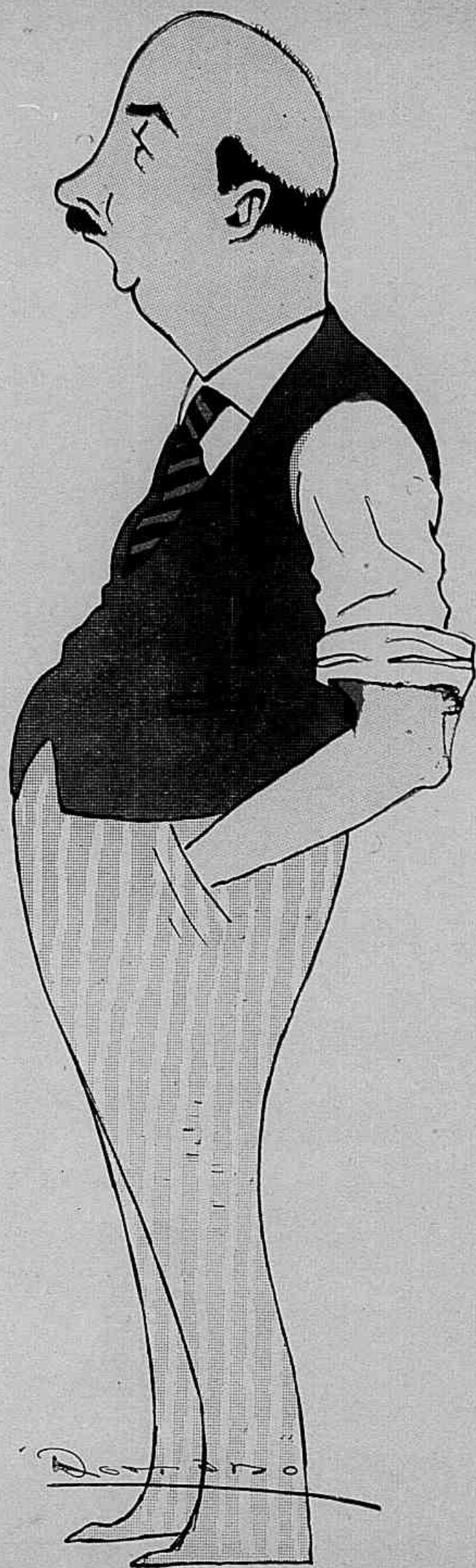
No medalhão, Irineu Marinho, creador da «A Noite» e d'«O Globo», prematuramente roubado á contemplação dos amigos e do povo que tanto o apreciava como seu defensor derradeira morada, no Cemitério de São João de Deus.

Aglorificação de um lutador



á vida. Ao lado, o corpo do querido jornalista na urna mortuaria, exposto na redacção d'«O
imperterrito. Em baixo, o povo contristado aguardando a saída do feretro para a sua
terio de São João Baptista.

OS HEROES DO TRABALHO



"Descança, ó luctador,
que assás luctaste!"

GONÇALVES DIAS

— IRINEU MARINHO —

Caricatura tirada dias antes da morte, nas officinas do "Globo" em "pose" especial para "A Maçã"

OS HEROES DO TRABALHO

IRINEU MARINHO

Ahi pelos meados de 1912 foi arrumado, de um dia para o outro, o apparecimento de um jornal da noite, na imprensa carioca. E como succede, sempre, quando surgem as noticias extemporaneas, os commentarios multiplicaram-se.

— Um jornal da noite, no Rio? E' uma loucura. No Rio de Janeiro ninguem compra jornal depois do jantar! — observava um.

E outro, pratico:

— Mas, com que dinheiro? Se elles não têm dinheiro, nem officinas, nem papel, como querem fundar jornal?

Era que, ainda por esse tempo, só se computavam, para a victoria de uma folha, os factores materiais. O factor — intelligencia, entrava, ahi, á esquerda dos algarismos. Houvesse dinheiro, officina e papel, e o jornal estava na rua. Quem o fazia, era isso indifferente ao publico. D'ahi, serem as folhas cariocas na sua totalidade sem liantes umas ás outras, sem originalidade, sem movimentação, sem vida, como os havia, então, pelo Brasil todo. Ao tomal-o no bonde, por prazer, mas por simples espirito de obrigação.

Uma noite, porém, ao tomar o seu bonde, o carioca ouviu, pela primeira vez, o grito victorioso:

— A «Noite»!... O'ha a «No-o-o-o-oite»!...

O canto de Chantecler annunciava o Dia, e, com o Dia, o triumpho luminoso da sua voz. Os gritos do Rio annunciavam a «Noite», mas a sua victoria não era menor. A «Noite», infringindo todas as leis da astronomia e do bom-senso, apparecia trazendo a luz.

Não era um jornal massudo, compacto, provinciano, como o havia, então, pelo Brasil todo. Ao tomal-o no bonde, o burguez abriu-o, virou-o, revirou-o, e estranhou:

— Uê!...

E alarmado:

— Cadê o artigo de fundo?

A «Noite» era, realmente, o primeiro jornal brasileiro que apparecia sem o palavroso e tradicional artigo de fundo, inutil, vasto, sonoro, como uma pipa vasa. Um leitor foi á redacção, reclamar contra a omissão.

— Artigo de «fundo»? — extranhou, por sua vez, Victorino de Oliveira, que recebeu a reclamação.

E abrindo os braços:

— Como poderíamos nós fornecer artigo de «fundo» se o jornal é feito sem «fundos»?

E assim era, na verdade. A «Noite» era o fructo da aventura mais temerária, tentada, até hoje, na imprensa do Rio de Janeiro. Era Irineu Marinho secretario da «Gazeta de Noticias», quando um acto da directora da empresa o desgostou e, com elle, a uma grande parte da redacção. Desattendidos nas reclamações que faziam, começou a conspiração. Uns queriam deixar o jornal, e ir trabalhar em outras folhas da cidade.

— Sahir d'aqui para ir trabalhar em outro jornal? — obtemperou Marinho, prudente. — E' tudo a mesma coisa. Seria trabalhar para outrem, como até agora temos feito.

E lançando a idéa que o atormentava:

— O que nós devíamos fazer, era fundar um jornal nosso, para nós, com proveito nosso. Isto, sim. Se eu contasse com vocês, era o que eu fazia.

A idéa foi como agua quente em uma panella de peixes vivos. Todos saltaram.

— Eu vou com você! — offereceu-se Leal da Costa.

— Conte commigo! — declarou Victorino de Oliveira.

E taes foram as adhesões, que, momentos depois, seguiam todos a passo de ganso, com Irineu á frente,

rumo da sala do director, para pedir demissão do serviço da «Gazeta».

Assentado o plano da nova folha, aligun-se, a prazo, uma sala. Os proprios redactores saíram á cata de annuncios. Não havia crênalos, porque não havia dinheiro. Cada um teria, porém, lueros, de accordo com a sua capacidade. E, no dia seguinte, á uma hora da tarde, a «Noite» estava na officina para isso contractada.

— E o papel? — perguntam da typographia.

— E' verdade; o papel!... — exclamam todos.

E mettendo a mão nos bolsos, director, secretario, gerente, redactores, reporters, o pessoal todo, conseguiram reunir até o ultimo nickel, cento e tantos mil réis, que deram para as primeiras seis bobinas, cujo preço era, então, de trinta e poucos. Devido a isso, a maior parte da redacção ficou a pé firme, até que o primeiro vendedor voltou com a feria... para o jantar dos redactores.

A «Noite» estava, entretanto, lançada. Leve, moderno, preferindo o noticiario ao commentario, o jornal agradava a todos. E, dentro em breve, tomava, pela sua autoridade e, sobretudo, pela sua popularidade, logar na primeira fila dos grandes jornaes brasileiros.

Pouco a pouco, por um ou outro motivo, os companheiros foram se desagregando do sympathico vespertino. Quasi só, Irineu continuou na lucta. Enriqueceu. Os cincoenta mil réis que dera para a primeira bobina de papel multiplicaram-se ao infinito. E de tal forma que, ao cair gravemente enfermo em 1924, precisando ir para a Europa, transferiu a sua parte aos demais accionistas por importância superior a 3400 contos de réis!

Restabelecido, voltou Irineu ao Rio. O dinheiro recebido assegurava-lhe vida sumptuosa e folgada. Devia ter, com a sua vivenda de Correas e o seu palacete d'aqui, mais de quatro mil contos. O microbio do trabalho roia-lhe, porém, o cerebro moço. Não tinha ainda cincoenta annos. Era justo, então, que fosse viver inutil, unicamente porque era rico?

Adquirir qualquer dos jornaes existentes, seria retroceder. Fundar outro, seria perigoso, com o preço do material e a situação geral dos negocios.

— Ora, que importa? — resolveu, afinal. — Se perder na aventura não perco nada; a imprensa leva o que a imprensa deu!

E fundou o «Globo», instalado no coração da cidade, em predio admiravel, com machinas proprias e todos os melhoramentos que verificara na Europa, lançando, assim, corajosamente, na empresa, pelo simples amor da profissão a fortuna que accumulara em treze annos de luctas, de trabalho, de economias, e que constituia o pão da sua velhice e o patrimonio seguro dos seus filhos!

O esforço fôra, porém, excessivo. Entregando-se á organização da sua nova folha com a paixão, o ardor, o desejo ardente de quem se quer exceder a si mesmo, fazendo obra melhor do que aquella que já fizera, Irineu Marinho não resistiu. E, vinte e poucos dias depois do grito de victoria, tombava, morto, victimado, pode-se dizer, pela febre vermelha do trabalho.

Dias antes da sua morte, Ronaldo foi procurá-lo, a pedido nosso, para uma caricatura. O artista encontrou-o nas officinas, na casa das machinas, de collete e mangas arregaçadas.

— Quero assim mesmo... — declarou elle.

Dias depois, a cidade tomava, ao accoradar, conhecimento da sua morte.

(CONTINUA NA ULTIMA PAGINA)

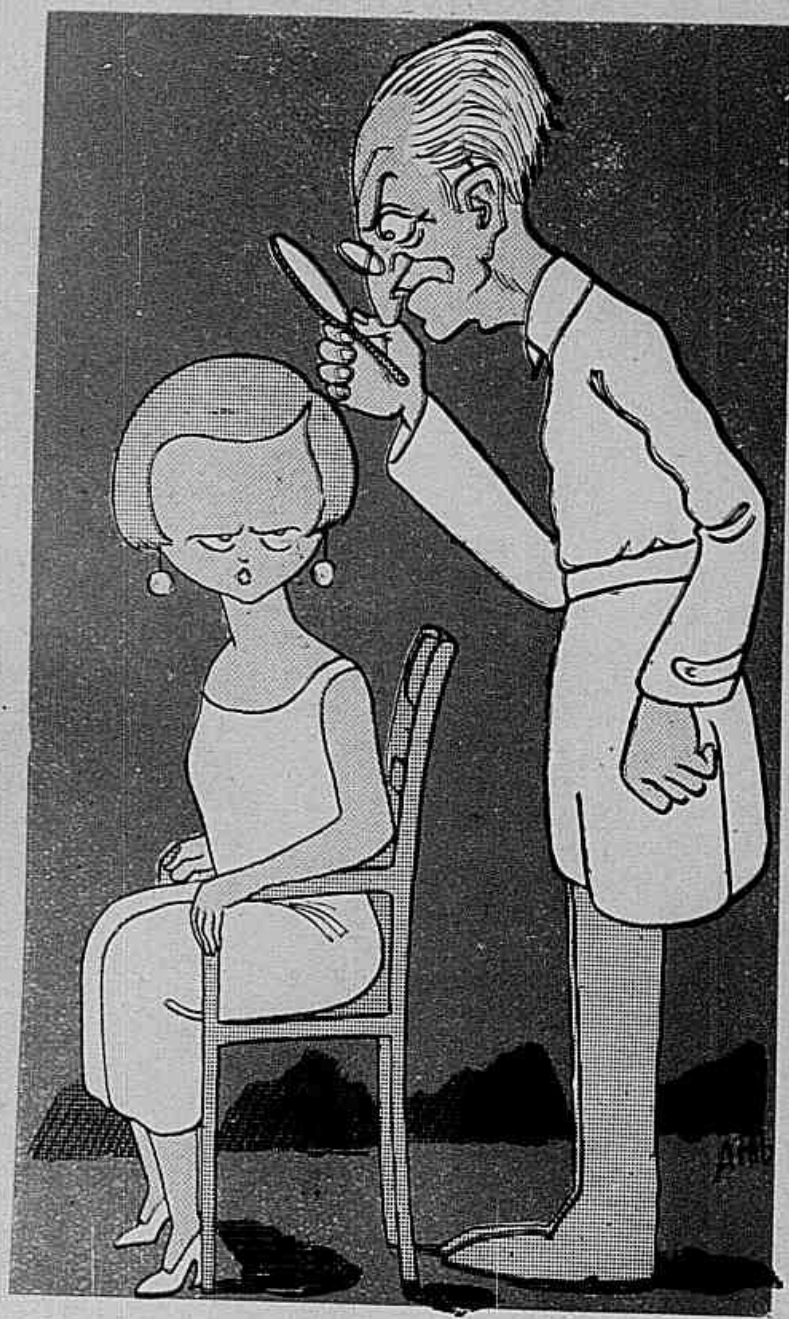
O HERDEIRO

POR

JOÃO FORTUNATO

Muita gente ainda se lembra, sem duvida, de uma conferencia sobre a India, realizada ha uns dez annos, no Rio de Janeiro, pelo Dr. Cyro Costa, poeta de merito e actual advogado em São Paulo. Tendo viajado toda a Asia, galgando o Himalaya, subindo o curso do Ganges, penetrando o planalto do Thibet e mergulhando a procura de perolas, nas aguas do golpho de Ormuz, o distincto brasileiro julgou do seu dever contar-nos os incidentes da sua excursão pit-

O MAL DA MODA



— E que vem a ser, doutor, essa tal de "demigarçonite aguda"? Ataca o couro cabelludo?

— Não, menina: ataca, primeiro, o miolo...

toresca e inesquecível, a qual, em vez de lhe reduzir os haveres, como geralmente succedé ás pessoas que viajam por desfastio, serviu,

ainda, para lhe multiplicar indefinidamente a fortuna.

A minha curiosidade é, porém, insaciavel no que diz respeito a costumes de paizes exóticos. Uma peça de vestuario define mais um povo, aos meus olhos, do que as suas attitudes nas guerras no pandemonio tumultuoso da Historia. A Cuvier bastava um osso para a reconstituição de um animal anti-diluviano. Eu seria capaz de adivinhar um paiz, uma raça, ou um seculo, á vista, apenas, de um maracá ou de um sapato.

Exigentê até esse ponto, era natural que, amigo do Dr. Cyro Costa, eu não o abandonasse mais, esgaravatando-lhe as frestas da lembrança para que elle me falasse do continente myste-rioso, contando-me coisas imprevistas, soberbas, maravilhosas, daquellas terras de sonho e de legenda.

— A India, meu velho, — dizia-me elle, — tem costumes espantosos, estranhos, quasi in-creditaveis!

E, como eu lhe pedisse alguns, omitidos, por-ventura, propositalmente, na sua conferencia, Cyro Costa passou a mão illustre pela cabelleira precocemente grisalha, e indagou:

— Você conhece o costume dos kolarianos, tribu do norte do Indostão?

A minha resposta, foi, naturalmente, negativa, e elle continuou, enquanto nos serviamos de dois bifés a cavallo, ou a burro, na Rotisserie:

— Os kolarianos são um dos povos que ainda conservam, na India, o regimen do matriarcado, isto é, aquelle em que dominam as mulheres, e em que o poder passa á primeira filha, em vez de caber, como na maioria dos povos, ao primeiro filho varão. Uma particularidade assignala, entretanto, esse povo: quando uma mulher perde, no berço, a filha recém-nascida, que lhe ia ficar com a fortuna e com o mandato sobre a familia, o successor da morta é, não outra mulher do mesmo sangue, mas um ho-mem estranho, que, lhe tenha tomado o lugar, e que ella passa a amamentar como se fosse um infante.

— Um homem? — indaguei.

— Um homem, sim.

— Adulto?

— Adulto.

Nesse instante, como tivessemos acabado de jantar, o garçon approximou-se, consultando:

— Sobremesa?

E Cyro Costa distrahido:

— Coalhada; tem?

== JOÃO FORTUNATO ==

O SONHO POR EWERALD

Quando o Dr. Milton de Figueiredo acordou, alta noite, sua esposa, Dona Margarida, roncava solememente, methodicamente. Era isso, aliás velho habito da «costella» daquelle pobre Adão que se martirisava na eterna luta pela vida ganhando, como medico da «Fabrica de Tecido Nacionais» um conto e duzentos mil réis mensaes, com os quaes a esposa pagava, pontualmente, no fim do mez, dois e, até, ás vezes, tres contos de réis de despesas.

Acostumado a ouvir a mulher roncar todas as noites, o illustre esculapio, tão querido entre o operariado da fabrica a que servia com dedicação, já se preparava para se virar no largo leito de casal em que dormia, quando notou, espantado, que madame fallava, mesmo dormindo.

Apezar de ter confiança absoluta naquella a quem o Destino o prendera indissolavelmente, dando-lhe tambem o seu nome, o Dr. Figueiredo, reparou, ancioso, no que ella dizia:

-- Senhorita, por favor! Senhorita..

Elle comprehendeu logo que a esposa, no seu pesadello, estava fallando em um te'ephone e mais attenção prestou, não só por não ter em casa semelhante meio de communicação como por não atinar com quem ella procurava se comunicar.

E continuava, agitada, a virtuosa senhora, dirigindo-se á Companhia dos Telephones:

— Senhorita! tres, nove, meia duzia, cinco!

E repetindo, ainda mais agitada e afflicta:

— Tres, nove, meia duzia, cinco!

E quando a ligação chegou:

— Olhe, meu bem, me espere ao meio dia na casa do Dentista. Preciso lhe fallar negocio de urgencia, ouviu, queridinho? Adeus.

Depois destas palavras a virtuosa senhora não mais fallou e continuou a roncar compassadamente, calmamente, enquanto o esposo se remexia no leito, ancioso, com o verme do ciúme a lhe devorar o coração.

Mal amanheceu o dia o desgraçado sahiu afflicto á procura de um telephone para saber de quem era o apparelho cujo numero a esposa pedira tão insistentemente.

E leu num indicador do telephone da casa vizinha, suando frio, veixado, com a cabeça ar-dendo:

— 3965 — Dr. Eduardo Castello.

Leu, e encostou-se á parede, pallido, succum-

A BORDO



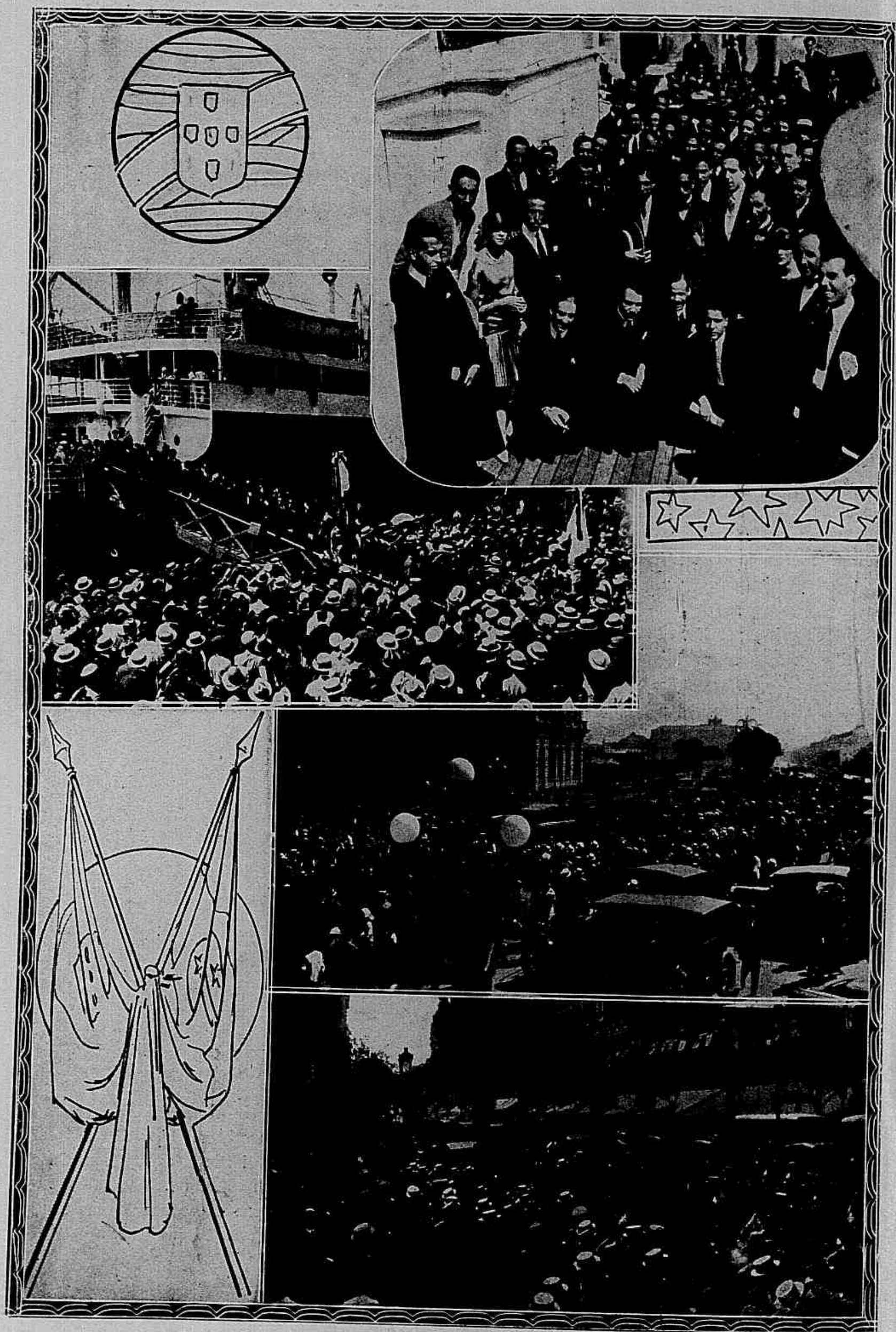
— Por que não vem para o meu helio? Lá, o balanço é menor..

bido, sem saber o que fazer! O Dr. Castello era conhecido em toda a cidade pelas suas conquistas amorosas, que faziam os maridos queimarem enxofre e alcatrão á sua approximação das casas de familia, como prevenção justissima..



EWERALD





1 — Estudantes portugueses a bordo do Bagé. 2 — Os estudantes desembarcando no Cães do Porto. 3 — Organização do prestito na Praça Mauá. 4 — Desfile na Avenida Rio Branco.

VANTAGENS DE UMA COMMEMORAÇÃO POR JOÃO JORIO

A residencia do Sr. Hérbert Young, conhecido millionario inglez que fiscaliza as instituições bancarias do seu paiz com agencia no Brasil, é um dos pontos de reunião mais encantadores, não só da colonia ingleza, como de brasileiros relacionados com familias daquela origem. E era por isso que, naquella tarde de 1920, se encontravam ali, palestrando, ora em inglez puro, ora em portuguez viciado, além de varios cavalheiros da alta finança, a joven senhora Enedina Forster, casada, como se sabe, com o caixa do Manchester Bank, John Forster, rapaz de fortuna e, sobretudo, de futuro.

«Mistress» Forster é uma creatura que tem, apenas, dois defeitos: ser bonita de mais e conversar demais, a ponto de seccar a lingua e, até, a garganta. Roda em que ella comece a papaguear, não ouve outra voz: que ella açambarca as atenções, os ouvidos, os assumptos, impedindo que outra pessoa metta, mesmo em aparte, a sua colherada na caçarola da palestra. E era ella quem falava, a dois passos, no terraço do palacete Young, quando o Abelardo Sampaio que

conferenciava a um canto com um engenheiro então chegado do Canadá, alludiu ás festas do armistício, realizadas pelos inglezes em toda a parte do mundo.

— Foi uma commemoração muito bonita — disse — e, sobretudo, muito original. Aquella idéa de, a uma hora justa, em todo o mundo, os inglezes se quedarem parados, e em silencio, durante dois minutos, foi muito linda, e muito commovente!

Ante esse e'logio, surgiram, do fundo das cadeiras de vime, varios regougos significativos. E foi no meio desses que, passando a mão direita, enorme e vermelha, pelo rosto escanhado e cõr de lagosta cosida, o banqueiro rugiu, dando com a esquerda, uma palmada vigorosa no hombro de John Forster:

— Todos tiverram grande alecrria armistizia; mas quem mais alecrrou foi Forster. Não, Forster?

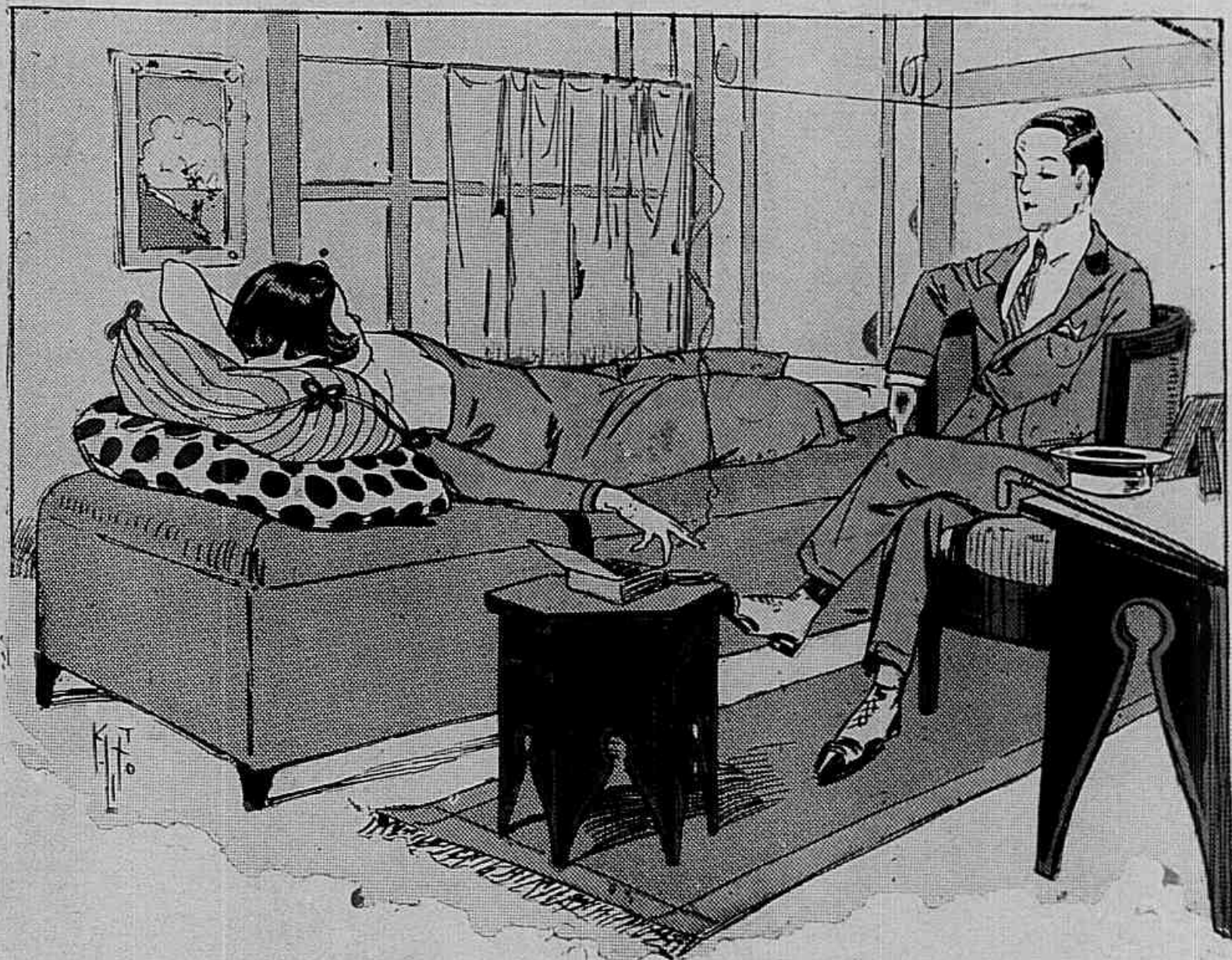
E com a mesma gravidade:

— Consequiu mulherr delle ficarr dois minutas calada!...

E virou o whisky, todo.

JOÃO JORIO

CONHECIDO VELHO



ELLA — Eu vivia muito importunada pelos meus admiradores. Raul; e, então, casei-me
ELLE — Com quaes?



1 — Chegada no Palacio do Catete. 2 — Recebidos no salão pelo sr. Presidente da Republica. 3 — Vi-
sita ao Ministerio do Exterior.



1 — Festa em benefício do Asylo Isabel. 2 — Communhão das Filhas de Maria, na Candelaria. 3 — Homenagem á Lopes Trovão no 30.º dia do seu passamento. 4 — Fundação de «Charitas Social» patrocinada pela senhora Flavio da Silveira, em benefício das moças que deixam os asylos na maioridade.

AMBIÇÃO MILITAR PELO ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

Official corajoso, activo, intelligente, o coronel Salustio Bermudes tinha direito, pelas suas funções no estado-maior do Exercito, a uma ordenança, escolhida, á vontade, entre as praças do seu regimento. Conhecendo um a um os seus soldados, o coronel designou para esse logar o preto Raymundo, um molecote sacodido, secco e alto, que passou, de prompto, da tarimba do quartel para a cosinha do commandante.

Ao fim de dois mezes de actividade militar, lavando pratos, carregando embrulhos, catando cachorros e indo, de hora em hora, á quitanda do canto, estava o Raymundo de namoro entabulado com a pretinha Benedicta, cozinheira da casa, cujos suspiros se tornavam, ás vezes, tão fundos, tão intensos, que chegavam a apagar o bico de gaz do fogão. Sentado militarmente na escada que dava para o quintal, o soldado arrancava, por sua vez, da arca do peito, os seus a's apaixonados; e estes eram, tambem, tão fortes, tão puxados das profundezas do coração, que, ao termo do terceiro mez, a familia tomava conhecimento official do noivado da Benedicta e do Raymundo.

Coração generoso, comprehendendo a tortura dos pobres, dos pequenos, dos humildes, o coronel observou, paternal, á ordenança, não lhe ser permittido contrahir matrimonio, como simples praça que era.

— Eu sei, sim, senhor, — informou o preto.

— As coisas vão ser, porém, remediadas, — prometteu o coronel. — Eu vou providenciar para que sejas promovido a cabo, e, então, poderás te casar.

— A cabo, «seu» commandante? — explodiu Raymundo, sorrindo, empertigando-se todo.

— A cabo, sim.

— Nesse caso, — tornou o molecote, fazendo continencia, — eu queria que vossa senhoria me fizesse uma coisa.

— Pede.

— Já que eu vou ser cabo, queria que vossa senhoria, em vez da Benedicta me desse em casamento a copeira!

O Raymundo foi dispensado, nessa mesma noite, das funções de ordenança. O coronel tinha em casa, ainda, a arrumadeira e uma pupilla, e temia, prudente, que o soldado alimentasse, em seu intimo, velleidades de official.

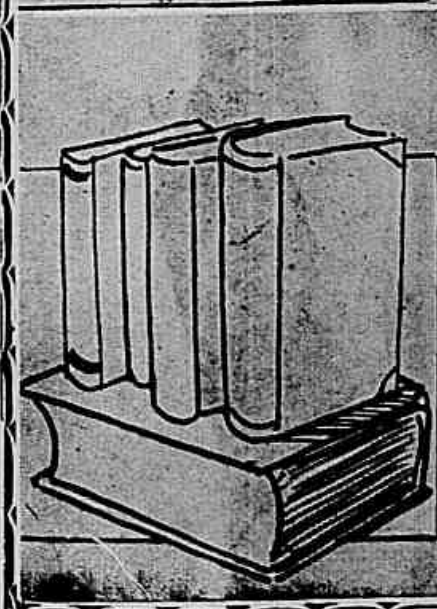
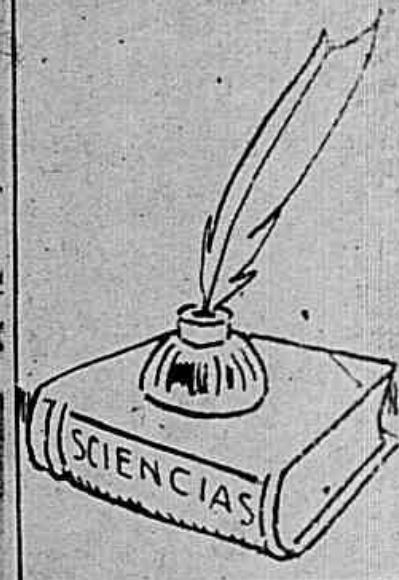
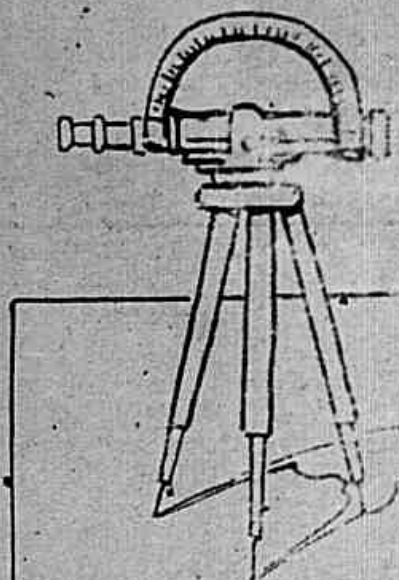
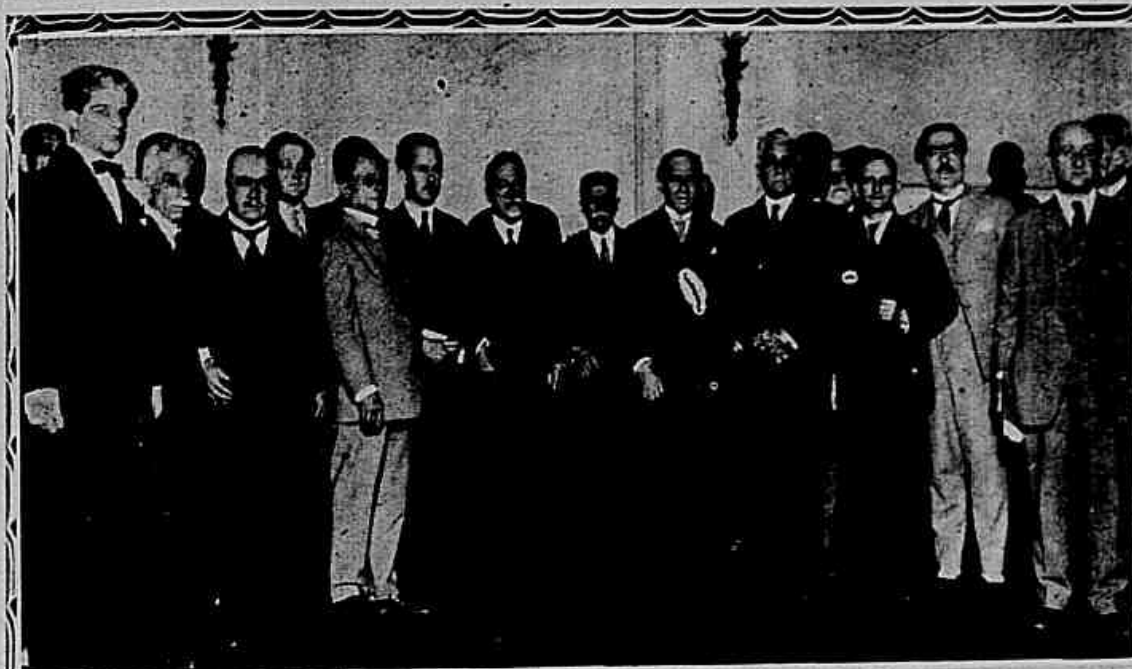
ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

MODERNISMO



ELLE (Ilrico) — Fugamos! Fugamos para longe... muito longe!

ELLA — Para que?!... Não é preciso, Não... Mamãe sae todos os dias e só volta á noite...



1 — O Dr. Paulo de Frontin, recebido festivamente no Club de Engenharia. 2 — Baile do Preparatorio. 3 — Embarque da Embaixada que foi a Montevideo levar as saudações do Brasil ao governo e ao povo uruguayos pela commemoração do 1.º centenario da sua independencia. 4 — Almoço offerecido pela intellectualidade brasileira aos sabios da França que nos visitam actualmente.



Diz uma lenda oriental
que o homem mais fe-
liz do mundo era um
que não tinha camisa.
E' mentira: o mais fe-
liz era o que tinha
comprado maior nume-
ro de CAMISAS

NA

Capital

THEATRICE

Do espectador

Observações á margem dos theatros

O espectador é um enigma, tanto para o empresario, como para o autor ou para o artista. E ás vezes até para si proprio.

O empresario nunca sabe quando deve contar com elle, se acaso se trata de um theatro de boas intenções.

Nem todos os autores podem considerar o espectador como seu semelhante. Sabem apenas que naquella enigma vivo residem juntos um alliado e um adversario. Qual dos dois saltará primeiro para fóra?

O artista dos generos brejeiros dispõe de muitos recursos para dominar a «féra». Mas o actor do theatro de verdade tem por elle o maior respeito e nunca sabe explicar, de modo absoluto, como alcança os seus bons effeitos.

—o—

Não é porque goste de véras de theatro que o espectador carioca entra á noite nesta ou naquella casa. E' apenas porque precisa matar o tempo. Ao fim do jantar, diz o amigo ao amigo, ou o marido á mulher:

—Vamos a um qualquer theatro?

Não se deve contar com a opinião e o apoio desses que vão a um theatro qualquer...

—o—

Cabe aqui registrar a conhecida anedota dos dois marinheiros que, obtida a bordo a necessaria licença para descer á terra, vieram de corrida para o S. José, onde ainda pensavam encontrar qualquer coisa parecida com «O Pé de Anjo». Estava, entretanto, lá a Companhia Leopoldo Fróes. Aboletados nas suas cadeiras, ao cabo de poucos minutos de representação de uma comedia fina, os marujos começaram a dar mostras de enfado. Até que um delles, menos paciente, disse ao outro:

—Até o S. José está avacalhado! Vamos embora.

E' essa mentalidade ingenua que faz a maior desgraça do nosso theatro e a fortuna de dois ou tres desalmados que exploram as intelligencias rusticas com a má fé igual de quem abusa de uma innocencia.

—o—

O espectador não dá de prompto a sua opinião. Gosta muito de esperar pela dos outros. No primeiro intervallo das primeiras represen-

tações é frequente a phrase, ouvida a cada canto, e dirigida a chronistas theatraes, que muitos julgam entendidos no assumpto:

—Então, que tal?

—o—

O chronista theatral é um espectador á parte. Não deve comportar-se na platéa como toda gente. Qualquer demonstração que faça, de agrado ou de desagrado pela peça, a que assiste, será indiscreta. O mais prudente é contentar-se com as palestras do corredor e guardar-se, em definitivo, para as columnas de seu jornal.

Mesmo porque é muito feio estar um critico á desanear uma obra, em apartes para a direita e para a esquerda, do alto de sua cadeira, em plena representação, e no dia seguinte, pela folha que lhe confiou a delicada incumbencia de orientar o publico, tecer uma linda cadeia de elogios á mesma peça que na vespera havia maltratado.

—o—

O Departamento de Saude Publica devia prohibir a entrada nos theatros das pessoas que padecem de dyspepsia.

—o—

Quando tem razão o espectador? Ao torcer-se de riso com uma grossa obscenidade mal disfarçada que lhe jogam da scena, como um pouco de lixo, ou ao ficar com cara de páo se escuta uma phrase legitimamente espirituosa?

—o—

Com a melhor deferencia que nos merce o sexo não podemos deixar de affirmar que, de um modo muito geral, a mulher é um espectador que deve contar mais como enfeite da sala do que como opinião sobre a peça.

Ha, porém, uma larga excepção nessa regra e relativa a uma casa de espectaculos. E' o Theatro Municipal, por occasião da assignatura da Companhia Dramatica Franceza. Ahi são ellas, as damas, que em unanimidade de conceito lançam o juizo definitivo sobre... as «toilettes» das actrizes.

—o—

Gabiru' não é espectador.

—o—

O espectador ideal é o ponto. Feliz do autor que recebe os seus cumprimentos. Mas, só por absurdo, o ponto fala fóra de sua concha. «Et pour cause...»

CORONEL KHAR ONA

Humoristas Americanos

A respeito de criadas de quarto por Mark Twain

Contra todas as creadas de quarto, de qualquer idade ou de qualquer nacionalidade que sejam, aqui lhes lanço a minha maldição de ceitidão! Porque:

Elas põem sempre o travesseiro no lado da cama opposto ao bico do gaz, de modo que, enquanto estaes lendo e fumando antes de dormir (segundo o antigo e honrado costume dos solteirões), tendes que conservar o livro levantado no ar, na posição mais incommoda possível, para evitar que a luz vos dê de chapa nos olhos.

Quando no dia seguinte encontram o travesseiro removido para o outro extremo da cama, não recebem a indignação amigavelmente; mas gloriam-se da sua absoluta soberania, e sem consideração pela vossa fraqueza, fazem a cama exactamente como na vespera, e regoizam-se em segredo com o tormento que a sua tirannia vos causa.

Sempre depois disto, quando veem que transpuzestes o travesseiro, desfazem o que fizestes, e assim vos provocam, e procuram tornar amarga a vida que Deus vos deu.

Se não pôdem por qualquer outro modo collocar a luz numa posição inconveniente, arredam a cama.

Se collocares o bahu' seis polegadas distante da parede, de maneira que a tampa se sustenha quando o abris, não fazem outra coisa senão encostar outra vez o bahu' á parede. Fazem-o de proposito.

Se premares do escarrador num certo lugar, onde vos fara mais geito, ellas não concordam e mudam-o para outro sitio.

Collocam sempre o vosso outro par de botas em logares inacessiveis. Folgam principalmente em mettê-las debaixo da cama, tão longe quanto a parede o permitta. E' porque isso vos obriga a baixar em attitudes aviltantes e vos faz vasculhar com a descalçadeira na escudidão, roçando pragas ao mesmo tempo.

Põem sempre a caixa dos phosphoros em logares differentes. Procuram cada dia novo logar para ella, e collocam uma garrafa, ou qualquer outro objecto de vidro, no sitio onde a caixa devia estar. Isto só para vos fazer quebrar a garrafa ou o outro objecto, apalpando ás escuras, e causar-vos arrelia.

Estão sempre e sempre ás voltas com a mobília. Quando voltaes á noite, podeis calcular que a secretária está onde estava o guarda roupa pela manhã. E quando saís de manhã, se deixaes o balde da agua suja ao pé da porta e a cadeira de

balanco junto á janella, ao voltar para casa á meia noite, ou pouco mais, tropeçaes á porta e cais de encontro á caldeira, e seguindo até á janella e ides sentar-vos em cima do balde. Isto vos arrelia. E' do que ellas gostam.

Collocae seja o que fôr num dado sitio; tem ellas logo o cuiado de o tirar de lá. Não de tirar as cousas e remexel-as na primeira occasião que tiverem. E' do seu temperamento e feição. E além disso dá-lhes prazer a contrariedade que vos causam com a tirannia que vos impõem. Moririam se não pudessem ser perversas.

Apáham sempre com todo o cuidado os velhos pedacos de papel impresso que atriães para o chão ou para o lixo, e juntam-os cuidadosamente em monte sobre a mesa; em compensação accendem o lume com os vossos manuscritos valiosos. Se ha algum papel velho que mais especialmente desejeis deitar fóra do que qualquer outro de que tenhaes mais empenho em vos livrardes, podeis para esse fim envidar todos os esforços humanamente possíveis, que tudo será em vão: ellas não de sempre ir buscar o tal papel velho onde quer que elle estiver e tornarão a pô-lo outra vez no mesmo lugar. Isto é o que ellas fazem bem.

E consomem mais pomada para o cabello do que seis homens. Se as accusam de a furtar defendem-se mentindo. O que se importam ellas com a vida futura? Absolutamente nada.

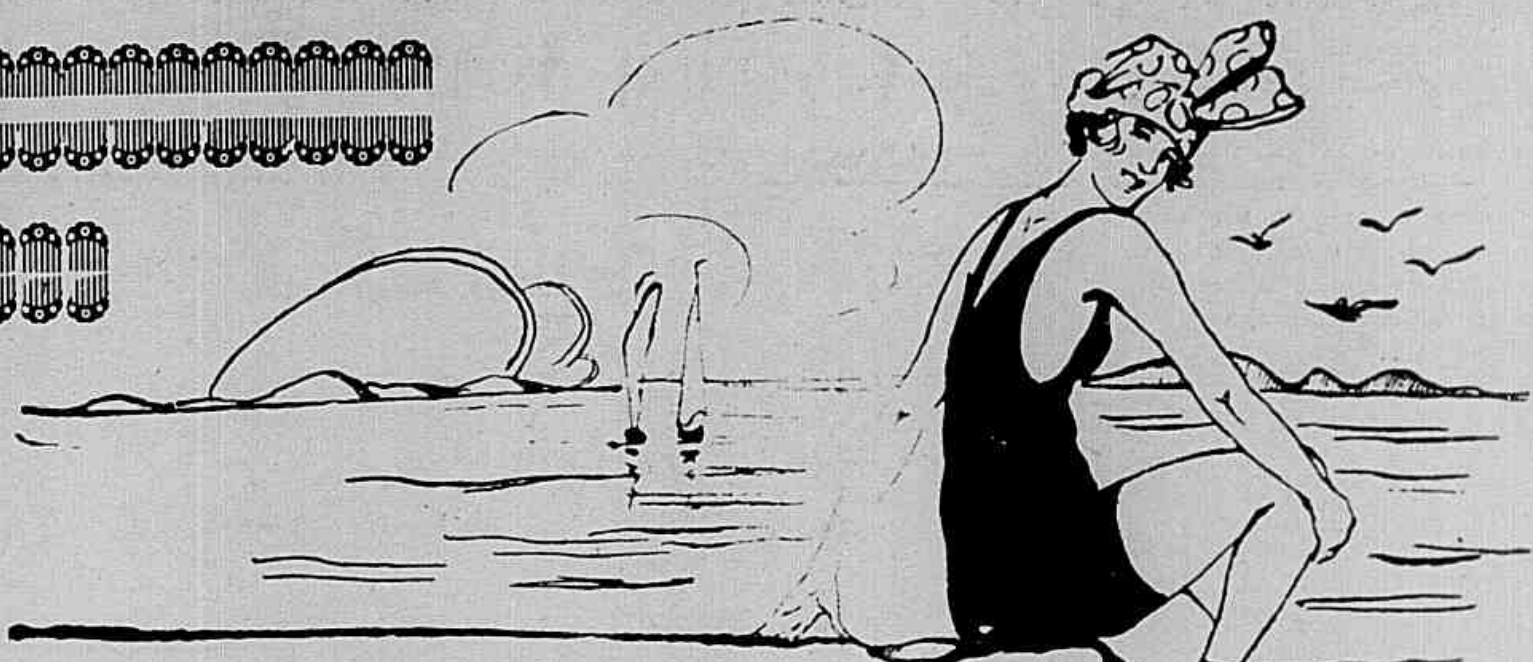
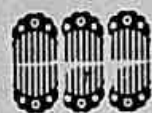
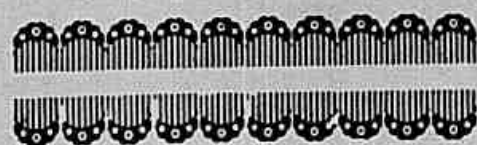
Se deixaes a chave na porta por motivo de conveniencia, ellas descem de proposito e vão entregal-a ao porteiro. Fazem isto sob o vil pretexto de quere-m proteger-vos contra os ladrões; mas a verdade é que o fazem pela necessidade que têm de vos obrigar a descer de novo a escada quando chegardes á casa fatigados, ou de fazer com que mandeis um criado buscal-a, a quem tereis de pagar. E neste caso, supponho que as malditas criaturas renrem sempre a gorgeta entre si.

Diligenciam sempre fazer-vos a cama antes de vos levantardes, destruindo assim o vosso descanso e infingindo-vos uma atribulação; mas depois de estardes levantado, não pensam mais em fazel-a até ao dia seguinte.

Fazem tudo quando é máo e que lhes vem á imaginação e fazem-o só por gosto e nada mais.

Os corações das criadas de quarto estão mortos para todos os instinctos humanos.

Se tiver occasião de apresentar na proxima Legislatura um projecto de lei abolindo-as, tenciono fazel-o.



Apparencias POR Gaspar Roussoulières

Do Heitor F. da Silva

Linda como os amores. Quem a visse
Passar, com o seu andar leve e elegante,
Pensaria talvez: - «Quanta meiguice
Neste corpo de deusa, allucinante!»

E de espantar não era que, no instante
Em que este pensamento lhe accudisse,
Apaixonadamente, palpitante,
O homem que assim pessava, a perseguisse.

Se elle, entretanto, conseguisse vel-a!
Livre da roupa, e examinasse a estrella
Acostumada a ouvir mil galanteios,

Então veria, com despeito e magua:
Um corpo que jamais entrára na agua
Com dois funis de folha em vez de seios!

GASPAR ROUSSOULIÈRES

Tiro
922



(Continuação)

IRINEU MARINHO

— Isso é pilheria! — diziam os incredulos. — Quem sabe se o Marinho não está fazendo «reclame» do «Globo»?

E não era, infelizmente, Marinho tinha morrido.

— Irineu Marinho falleceu na banheira, ao tomar o seu banho, ás seis horas da manhã! — informava um.

— Morreu coherentemente, — completava outro, — Morreu como viveu: — era um homem limpo...

E era, mesmo. Morreu como Marat, é certo. Na agua funebre não foi encontrada, porém, uma simples gota de sangue, do golpe com que a morte o feriu, certa, no coração...

GUTTEMBERG



**BLÉNORRAGIA, CYSTITES,
CATHARDA DA BEXIGA**

Tratamento rapido e completo com a

**Injecção Anti-Blenorrhagica, Capsu-
las citrinas e**

Licor de Alcatrão Composto de

MEDEIROS GOMES

Deposito: ALFANDEGA, 213 e AV. PASSOS, 86

Pharmacia N. S. Auxiliadora

Lic. pelo D. N. S. P. sob os ns. 573, 604 e 40



Conversa o Marselhez com um amigo;

— Você ainda não tem 40 annos e ja de cabellos brancos.

— Foi consequencia de um grande prejuizo: perdi n'um dia para o outro um milhão de francos. Em 24 horas embranqueceram-me os cabellos!

— Pois secedeu-me exactamente o contrario, — diz o Marselhez. — Começava eu a embranquecer tambem. Minha sogra morreu. No dia seguinte estava eu de cabeça completamente preta!



**BIOTONICO
FONTOURA**
**O MAIS
COMPLETO
FORTIFICANTE**



App. pelo D. N. de Saude Publica, em 27-4-1918, sob o N. 175



Vigogenio

Engorda e dá vigor aos tecidos

O melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de «VIGOGENIO» faz mais effeito que um vidro do melhor tonico.

As Mães que criam, os Anemicos, as Moças pallidas, as Crianças rachiticas e Escrophulosas, os Exgottados, os Depauperados obtêm CARNE, SAÚDE, VIGOR e SANGUE NOVO, usando o «VIGOGENIO»

O «VIGOGENIO» é aconselhado:

1.º — Para as pessoas Fracas, Magras e com FALTA DE APETITE.

2.º — Para as pessoas com EXGOTTAMENTO PHISICO e cerebral, NEURASTHENIA e Excitação nervosa.

3.º — Para as pessoas em Convalescença de MOLESTIAS INFECCIOSAS como FEBRE, gripe, VARIOLA, etc. Nestes casos o «VIGOGENIO» dá um grande resultado.

4.º — Para as SENIÓRIS GRAVIDAS é muito recomendado, porque, devido ao seu grande crescimento lactea, concorrendo para a sua manutenção.

5.º — Para as CRIANÇAS PALLIDAS, magras, de CRESCIMENTO DEMORADO é de um resultado espantoso, pois é o tonico APROPRIADO para esse fim. POUCOS VIDROS produzem effeito visivel, notando-se logo AUGMENTO DE PESO e melhor aspecto da criança.

6.º — O «VIGOGENIO» é o fortificante mais receitado pelas notabilidades medicas, como Miguel Couto, Austregesilo, Rocha Vaz e outros, que em BRILHANTES ATTESTADOS, affirmam o SEU GRANDE VALOR.

MIGUEL COUTO, o mestre da Medicina, diz:

«Attesto que tenho empregado em minha clinica particular e na do hospital, com o MELHOR RESULTADO, o «VIGOGENIO», EXCELLENTE PREPARADO, não só pela sua COMPOSIÇÃO como pela IRREPREENSIVEL fabricação».

DR. MIGUEL COUTO
Firma reconhecida.

Licenciado pelo D. N. de S. P. sob n. 833, em 20-11-1919

Nas officinas de gravura

DA

‘‘A MAÇÃ’’

executam-se com perfeição e presteza, clichés para revistas illustradas e para impressões commerciaes.

Especialidade em

TRICHROMIAS

para impressão de luxo e trabalhos scientificos.

Informações directas com o director technico, Snr.

José Pastor

Rua do Rosario, 108-2º andar

Tel. Norte 4682